

Uma mulher acolhida e perdoada por Jesus: um estudo de Lc 7,36-50

A woman welcomed and forgiven by Jesus: a study on Lk 7,36-50

Ildo Perondi*
Solange Rezino Farias**

Resumo

Somente Lucas narra a passagem em que Jesus está participando de uma refeição na casa de um fariseu e uma mulher, pecadora e sem nome, entra na casa (Lc 7,36-50). A mulher chora e com suas lágrimas lava os pés de Jesus e enxuga-os com os seus cabelos. Diante da indignação do fariseu, Jesus conta a parábola dos dois devedores perdoados, ensinando que quem demonstra muito amor, recebe mais perdão. Este artigo pretende analisar e interpretar esta passagem bíblica para entender a realidade desta mulher e de outras mulheres na mesma condição na época de Jesus. O gesto praticado por Jesus é rico de significado para a sociedade da sua época e, ao mesmo tempo, é possível atualizar esta mensagem para a realidade de hoje. O texto bíblico motiva para uma vivência misericordiosa e com compaixão diante das pessoas marginalizadas que sofrem discriminações. É a prática do amor e do perdão que é capaz de integrar e redimir as pessoas, diferente das atitudes preconceituosas que excluem e marginalizam.

Palavras-chave: Mulher. Jesus. Amor. Perdão. Lucas.

Abstract

Luke is the only one to narrate the scene where Jesus is having a meal at a Pharisee's house, and a woman, a sinner without name, enters the house (Lk 7, 36-50). The woman cries and with her tears she washes and wipes his feet with her hair. Before the Pharisee's indignation Jesus tells a parable on the two forgiven debtors, teaching that whoever shows love, receives more forgiveness. This work analyses and interprets this biblical text in order to understand that woman reality and the reality of other women in Jesus' time. Jesus' gesture is rich in meaning to that time society and, at the same time, it is possible to think this message nowadays. The biblical text motivates to a merciful and compassionate way of life before people who suffer prejudices. It is the practice of love and forgiveness that enables people to be redeemed, different than attitudes that exclude and marginalize.

Keywords: Woman. Jesus. Love. Forgiveness. Luke.

* Mestre em Teologia Bíblica pela Universidade Urbaniana de Roma. Doutor em Teologia Bíblica pela PUC-Rio. Professor de Graduação e no Programa de Pós-Graduação em Teologia da PUCPR. Contato: ildo.perondi@pucpr.br.

** Graduada em Teologia pela PUCPR. Estudante de Pós-Graduação em Teologia Bíblica pela Faculdade Vicentina (FAVI).

Introdução

O objetivo deste artigo é analisar e interpretar o texto de Lc 7,36-50, que narra a passagem em que Jesus acolhe e perdoa uma mulher, sem nome, em virtude do grande amor que ela demonstrou. No relato de Lucas, essa mulher é chamada de pecadora (Lc 7,37.39), tanto pelo redator como pelo fariseu que acolheu Jesus em sua casa, havendo muita probabilidade de ela ser uma prostituta. Com ousadia, a mulher invade a casa do fariseu onde Jesus está fazendo uma refeição e unge os pés de Jesus com suas lágrimas e os enxuga com os seus cabelos e, então, recebe o perdão dos seus pecados.

Pretende-se estudar a condição desta mulher, bem como a situação de outras mulheres prostitutas daquela época e a ação de Jesus em favor delas. O tema do perdão é muito importante no Evangelho de Lucas, pois é nesse Evangelho que encontramos os “grandes perdões” de Jesus: a pecadora (7,36-50); o filho pródigo (15,11-32); Zaqueu (19,1-10); o bom malfeitor (23,39-43). Além disso, o tema é atual também para nós hoje: o gesto de Jesus em acolher a mulher marginalizada e estigmatizada pela sociedade possibilitou que ela fosse reintegrada à sociedade. Hoje, muitas mulheres e várias categorias de pessoas continuam sendo vistas com olhares estranhos e não recebem a bondade e a misericórdia, como fez Jesus.

O autor e a sua obra

No Prólogo de seu evangelho (Lc 1,1-4), Lucas informa que fez uma acurada investigação para escrevê-lo (1,3). Os comentaristas concordam que as fontes principais utilizadas por Lucas para a composição do seu evangelho foram: o evangelho de Marcos, a fonte “Q” (Quelle) - comum a Mateus e Lucas - e as suas fontes particulares que muitos chamam de fonte “L”, que não são necessariamente documentos escritos (MONASTERIO; CARMONA, 1994, p. 359-360; FITZMYER, 1986, p. 121; FABRIS; MAGGIONI, 1992, p. 20-21).

Além do terceiro evangelho, Lucas é autor também do livro dos Atos dos Apóstolos. Essa dupla obra foi dedicada a um “ilustre Teófilo” (Lc 1,3; At 1,1). Mas, os verdadeiros destinatários do terceiro evangelho e Atos são as comunidades cristãs de ambiente helenista, possivelmente na região de Éfeso. A obra lucana foi escrita em grego koiné, isto é, grego comum, popular (que é diferente do grego clássico) e, segundo alguns autores, a data de composição deve ser situada entre os anos 80-90 d.C. (FITZMYER, 1986, p. 71.107-108; BOVON, 2005, p. 40).

Lucas foi o companheiro de viagem do Apóstolo Paulo, hipótese que se baseia nas inserções das seções “nós” dos Atos dos Apóstolos (At 16,10-17; 20,5-15; 21,1-18; 27,1-28,16. É o “médico querido” (Cl 4,14) e citado também em Fm 24; 2Tm 4,11. A Tradição Antiga da Igreja, desde Irineu de Lião até o fim do século II, não tem dúvidas a esse respeito. Outros documentos antigos dos séculos II e III (Prólogo Antimarcionita; Cânon de Muratori) afirmam que ele era originário de Antioquia da Síria, médico, discípulo dos Apóstolos e companheiro de Paulo (FABRIS; MAGGIONI, 1992, p. 20; MARGUERAT, 2009, p. 108).

Lucas apresenta Jesus como o portador da salvação e da misericórdia, principalmente aos pecadores e excluídos, que assume uma “pedagogia da inclusão” (MAZZAROLO, 2004, p. 14) e que busca restaurar as pessoas, devolvendo-lhes a sua dignidade. É o médico de corpos e de almas que procura sanar as feridas das pessoas e inseri-las no projeto do Reino, por isso o evangelista procura

ênfatizar ações misericordiosas e acolhedoras de Jesus em favor das pessoas marginalizadas da sua época.

O contexto do texto

O relato da pecadora perdoada (Lc 7,36-50) está ambientado na terceira parte do terceiro Evangelho (4,14–9,50), onde Lucas relata o ministério de Jesus na Galileia. Depois do discurso inaugural na sinagoga de Nazaré (4,14ss), Jesus vai para Cafarnaum (4,31) local em que realiza os primeiros milagres, escolhe os primeiros discípulos e proclama o “sermão da planície” (6,17ss).

Lucas ambienta a perícopre estudada no capítulo 7, precedida por três relatos importantes: uma ação benéfica de Jesus em favor do servo do centurião romano, um estrangeiro (7,1-10); a reanimação do filho da viúva de Naim (7,11-17); e a resposta de Jesus aos enviados de João Batista (7,18-35).

O texto sucessivo à perícopre é Lc 8,1-3, em que Jesus percorre regiões e povoados pregando a Boa Nova do Reino acompanhado pelos Doze Apóstolos, assim como pelo grupo de mulheres que o seguiam e serviam com as suas possibilidades, sendo que a primeira delas é Maria Madalena.

Essa localização da perícopre em Lucas dá margem para algumas interpretações errôneas que confundem a mulher pecadora da perícopre com Maria Madalena, da qual haviam sido expulsos sete demônios (8,3). Ou então, como relato sinótico a Mc 14,3-9, em que também uma mulher unge Jesus. Embora os relatos possuam muitos elementos em comum, existem também inúmeras diferenças nos detalhes, bem como o contexto não é o mesmo, já que o texto de Marcos é localizado em Betânia e está no contexto da Paixão de Jesus (BOVON, 2005, p. 545-550; FITZMYER, 1987, p. 690-694).

Análise do texto

Para compreender melhor a perícopre foi feita uma análise dos principais elementos que compõem o texto estudado:

O ambiente: Um fariseu convidou Jesus para uma refeição em sua casa. Ele tem nome, Jesus o chama de Simão (7,40). Sem mais detalhes, o redator informa que uma mulher da cidade entrou na casa e dirigiu-se aos pés de Jesus, trazendo um frasco de perfume.

A mulher pecadora: Ela não tem nome e nada justifica que possa ser identificada com Maria Madalena. Ela é chamada pelo narrador e depois também pelo fariseu de “pecadora” (7,37.39). Deduz-se que o seu pecado é decorrente da sua condição social e a possibilidade de que seja uma “prostituta” vem da interpretação que ela é uma mulher conhecida “da cidade” (BOVON, 2005, p. 551).

Refeições: Os fariseus costumavam se reunir para refeições (JEREMIAS, 2005, p. 340), que eram também momentos de convivência. Para Jesus, as refeições se tornam também lugares de anúncio. No Evangelho de Lucas Jesus está presente em dez refeições (5,29; 7,36; 9,10-17; 10,38-42; 11,37; 14,1; 19,1-10; 22,7-20; 24,30 e 24,41-42) (PERONDI; FERREIRA; MARÇAL, 2012, p. 73). Nas refeições era

comum, naquela época, sentar-se deixando os pés para trás (não havia as cadeiras e mesas como temos hoje). Isso facilitou que a mulher se dirigisse aos pés de Jesus.

Banhar os pés: A mulher fez um gesto bonito, mostrando muito amor em relação a Jesus. Ela banhou os pés com suas lágrimas, o que demonstra muito choro, muitas lágrimas derramadas; depois, enxugou-os com os seus cabelos e ungiu-os com perfume. É interessante notar que “os pés” aparecem sete vezes no relato. São os pés de Jesus com certeza machucados pelas longas caminhadas que merecem o cuidado da mulher.

O julgamento: O fariseu não viu com bons olhos o gesto que a mulher fez. Antes, proferiu um duplo julgamento: contra a mulher e contra Jesus. Jesus, ao contrário, observou tudo: recordou como o fariseu ficou apegado à Lei e questionou as práticas de Jesus, mas não observou os gestos fraternos da mulher. A “Lei pela Lei” mata o amor e não transforma. Ela impede uma prática da misericórdia e da graça (MAZZAROLO, 2004, p. 121). O fariseu não lavou os pés de Jesus (era um gesto de hospitalidade muito valorizado na época); não recebeu Jesus com o beijo de acolhimento; enquanto a mulher, sem ser a dona da casa, fez tudo isso e muito mais.

A parábola: Para fazer a crítica ao comportamento do fariseu e elogiar o gesto da mulher, Jesus contou uma parábola em que estão presentes dois devedores perdoados. Um devia quinhentos denários e o outro cinquenta. Como ambos não podiam pagar, o credor perdoou a ambos. Qual dos dois demonstrará mais gratidão? O fariseu acerta na resposta à provocação de Jesus, porém erra na sua aplicação prática.

Aplicação prática: Assim Jesus quis mostrar a falta de coerência do fariseu. Se ele quisesse mesmo cumprir toda Lei, deveria ter feito a sua parte. Portanto, a mulher (que não era obrigada a cumprir estas práticas da Lei) foi mais justa do que o fariseu e, em vez de ser legalista, exercitou a misericórdia, praticou gestos de amor e de humildade.

A resposta de Jesus: Voltando-se então para a mulher, Jesus respondeu: “Teus pecados estão perdoados” (7,48). Quem ama recebe o perdão dos pecados, pois a mulher reconheceu-se pecadora, confessou seus erros e mostrou que tinha um coração penitente. O fariseu, por sua vez, só estava preocupado com a Lei e, por isso, não entendeu a mensagem de Jesus.

Reação dos convidados: Só no final do relato são mencionados os convidados do fariseu que também deviam ser fariseus. Esses ficaram discutindo e querendo saber “quem é este Jesus que até perdoa pecados?” (7,49). Somente Deus pode perdoar os pecados, mas Jesus é o Enviado do Pai e pode perdoar.

A conclusão: Jesus se despede da mulher e ainda declara que ela está salva, isto é, livre dos seus pecados. Ela pode agora voltar reconciliada, com o Shalom (Paz). Jesus eleva a mulher a um nível acima do que a tradição mantinha, age enquanto Salvador enviado a todos (JEREMIAS, 2005, p. 494). Ela encontrou a salvação graças à sua fé e o grande amor que demonstrou. O fariseu, no entanto, com seus convidados, deve ter continuado a sua refeição, preocupado com a Lei e não com a vida das pessoas.

Reflexão sociológica da condição da mulher no tempo de Jesus

No tempo de Jesus a mulher, principalmente a mulher judia, participava pouco da vida pública. A mulher era totalmente submissa ao homem, ao pai, ao marido ou aos irmãos. Quando a mulher saía de casa, devia cobrir seu rosto com véu e só podia enxergar através de uma espécie de rede tecida de cordões e nós. Uma mulher não podia falar em público com um homem.

Quando uma mulher casada saía de casa, sem cobrir a cabeça e o rosto, ofendia os bons costumes; nesse caso, o marido tinha o direito e o dever de despedi-la, isto é, dar-lhe a carta de divórcio, sem ter que pagar o valor contratado por ocasião do matrimônio.

A única ocasião em que a mulher descobria a cabeça em público era no cortejo do seu casamento, se ela não fosse viúva. Algumas mulheres seguiam estes preceitos com tal rigor que nem mesmo em casa descobriam a cabeça. J. Jeremias (2010, p. 474) cita o caso de Qimhit, a mulher cujos sete filhos se tornaram sumos sacerdotes e acreditavam ser uma recompensa de Deus pela sua austeridade. Em razão disso, ela afirmava: “Caíam sobre mim (isto ou aquilo) se as traves de minha casa viram os meus cabelos”.

Os casamentos não eram frutos do amor e das paixões, mas sim arranjados entre o pretendente e o pai da noiva. As meninas eram dadas em casamento ainda jovens. Por ocasião do noivado era feito um contrato que expressava a aquisição da noiva pelo noivo, semelhante à aquisição de um escravo.

As mulheres não deveriam chamar atenção em público, preferia-se que não saíssem de casa, principalmente as jovens solteiras. As regras proibiam o homem de encontrar-se sozinho com uma mulher, de conversar com ela em público, não devia olhar para uma mulher casada nem mesmo cumprimentá-la. A mulher casada que não seguia as regras poderia ser repudiada. Então, dentro desse costume, uma jovem de Jerusalém ficava o mais possível dentro de casa, e a mulher casada só saía com o rosto coberto com véu (JEREMIAS, 2010, p. 474-475).

A condição da mulher resultava em viver a serviço do marido e dos filhos, porém, não era isso que a preocupava, mas sim o medo de ser repudiada pelo esposo e abandonada à própria sorte. Esse direito do homem baseava-se na lei do Deuteronômio: “Quando um homem tiver tomado uma mulher e consumado o matrimônio, mas esta, logo depois, não encontra mais graça a seus olhos, porque viu nela algo inconveniente, ele lhe escreverá então uma ata de divórcio e a entregará, deixando-a sair de sua casa em liberdade” (Dt 24,1).

Essa interpretação da lei era discutida entre os seguidores das duas melhores escolas rabínicas da época de Jesus. Os seguidores da escola de Shammai (mais rígida) só aceitavam que o homem podia repudiar a mulher em caso de adultério. Já os seguidores da escola de Hillel (mais liberal) aceitavam que bastava encontrar na esposa algo desagradável para repudiá-la (PAGOLA, 2013, p. 270). E assim os homens discutiam sobre a vida das mulheres, que não podiam se manifestar e muito menos defender os seus direitos.

Naquela sociedade, dominada por varões, a mulher era considerada propriedade do homem: primeiro pertencia ao pai, depois ao marido e, se ficasse viúva, pertencia aos filhos; jamais uma mulher poderia ter uma vida autônoma e independente.

O domínio sobre a mulher também estava ligado à pureza sexual (Lv 15,19-30). A mulher tornava-se impura durante a menstruação e nesse período tudo o que ela tocasse tornava-se impuro. Depois do parto, se nascesse um menino a mãe ficava impura por 40 dias; se fosse uma menina o

período seria o dobro. Após dar à luz era necessário oferecer um sacrifício no Templo para obter novamente a purificação (Lv 12,1-8; cf. Lc 2,22).

Todavia, nas cortes governamentais não havia essa preocupação com o costume. Podem-se citar alguns exemplos: a Rainha Alexandra (76-67 a.C.), que governou energeticamente por nove anos; a irmã de Antígono, último rei macabeu (40-37 a.C.), que defendeu a fortaleza de Hircânia contra Herodes, o Grande; e Salomé, que dançou diante dos convidados de Herodes Antipas (Mc 6,22; Mt 14,6) (JEREMIAS, 2005, p. 476). Ou seja: mesmo nesse contexto social rigoroso, havia exceções.

No entanto, a mulher de classe pobre não podia levar uma vida de total reclusão, pois muitas vezes devia sair de casa para ajudar o marido na profissão, que poderia ser comerciante. No meio do povo simples não havia tanto rigor; aconteciam as festas populares: noites da Festa das Tendas que eram realizadas no átrio das mulheres, onde o povo se descontraía. E também no campo a vida era mais livre, a mulher, o marido e os filhos trabalhavam juntos nas atividades agrícolas, vendiam seus produtos na porta das casas. Não se observava tanto o costume de cobrir a cabeça como as mulheres da cidade. Porém, uma mulher não deveria ficar sozinha no campo e nem conversar com um homem estranho (JEREMIAS, 2005, p. 477). Desse modo, a condição da mulher variava bastante conforme a região e os costumes locais.

O dever religioso da mulher era também limitado, tudo o que se relacionava a Deus pertencia à esfera do homem. A mulher não tinha a obrigação recitar o Shemá, oração oficial do israelita; de ir em peregrinação a Jerusalém para festas da Páscoa, de Pentecostes e das Tendas (PAGOLA, 2013, p. 259). Era dispensada de estudar a Torá e em casa não pronunciava a bênção à mesa. E, conforme a interpretação de Gn 18,15, as mulheres eram consideradas mentirosas, por isso não podiam prestar testemunhos nos tribunais. Nesse sentido, eram comparadas aos pastores de animais que também não podiam ser testemunhas devido ao seu trabalho considerado sujo.

Era nesse contexto que viviam as mulheres consideradas pecadoras (prostitutas) no tempo de Jesus, como a mulher da perícopos que foi analisada. Nas cidades com certa importância, as prostitutas trabalhavam em bordéis. A maior parte delas eram mulheres que haviam sido repudiadas pelos seus maridos, viúvas sem seu protetor, escravas, mulheres vendidas, em alguns casos, pelos próprios pais. Elas andavam procurando festas e banquetes em busca de clientes e, por consequência, estavam presentes nas festas organizadas em torno de Jesus (PAGOLA, 2013, p. 243) e acabavam por ouvir seu ensinamento.

Análise teológica

O evangelista Lucas procura destacar o papel da mulher na história da salvação. É somente ele que narra o incidente da “mulher pecadora” que deve ter conhecido entre os relatos da tradição oral da Igreja Primitiva. Essa transmissão de boca em boca provavelmente explique as semelhanças da narração do texto com outras passagens dos evangelhos (Mc 14,3-9; Mt 26,6-13; Jo 12,1-7) (STUHLMUELLER, 1975, p. 106-107).

O texto de Lc 7,36-50 apresenta a misericórdia de Jesus para com a mulher que é chamada de “pecadora”, considerada impura e possivelmente uma prostituta. Jesus foi convidado por Simão, um fariseu, para jantar em sua casa. Ele queria ouvi-lo e talvez colocá-lo à prova, como era costume entre os fariseus. E a notícia desse jantar se espalhou. Improvisamente se fez presente essa mulher “pecadora” que levava consigo o vaso de precioso alabastro com perfume caríssimo.

A mulher dirigiu-se a esse jantar com intenção bem definida de se aproximar de Jesus, de tocá-lo, mesmo sabendo da sua condição impura, já que as prostitutas eram consideradas a maior fonte de impureza e contaminação. Nesse sentido ela foi ousada, como uma isca para apanhar Jesus em contradição. Ela via em Jesus uma atitude diferente, sentia que ele era capaz acolhê-la, aceitar sua homenagem. E, de fato, Jesus aceita que essa mulher demonstre seus sentimentos, deixando ser tocado por ela, o que era inconcebível e escandaloso para os fariseus.

Jesus não temeu tornar-se impuro com o toque da mulher e nem estava preocupado com a reação e julgamento das pessoas. Ele aproveita o episódio para ensinar, falar do amor de Deus. Ela se aproxima de Jesus chorando e com suas lágrimas banha os pés de Jesus; lágrimas que demonstram tristeza e sinal de arrependimento diante da situação indigna que ela vivia. A mulher nada diz, apenas demonstra seu amor com gestos. Ela unge os pés de Jesus e os enxuga em sinal de humildade.

E Jesus defende a mulher, mesmo contrariando o conceito do fariseu que o havia convidado para a refeição em sua casa (MORACHO, 2006, p. 39). O fariseu mostra-se incapaz de amar porque se considerava justo, não se sentia devedor, pois estava separado dos pecadores. A mulher, mesmo ciente de seus erros, sentiu-se amada, acolhida e respeitada por Jesus. Sua dignidade pessoal foi devolvida e também a possibilidade de recomeçar uma nova vida.

Jesus conhecia o pensamento de Simão, que em sua cegueira farisaica, não via com bons olhos a atitude de Jesus em aceitar aquela mulher. Então Jesus contou uma breve parábola do credor e os dois devedores (Lc 7,41-43):

“Um credor tinha dois devedores; um lhe devia quinhentos denários, e o outro cinquenta. Como não tivessem com que pagar, perdoou a ambos. Qual dos dois o amará mais?” Simão respondeu: “Suponho que aquele ao qual mais perdoou”. Jesus lhe disse: “Julgaste bem”.

A parábola contada por Jesus faz com que Simão analise sua atitude perante o gesto da mulher; seria ele mais importante aos olhos de Deus do que a pecadora? Atitudes como essa aconteceram outras vezes quando os fariseus e doutores da lei acusaram Jesus ou ficaram escandalizados porque achavam que Jesus andava com más companhias, ao acolher e comer com os pecadores (Lc 15,2). Em resposta a essas acusações Jesus antepõe as prostitutas aos fariseus: “Em verdade vos digo que os publicanos e as prostitutas vos precederão no Reino de Deus” (Mt 21,31).

A mulher não diz nenhuma palavra na narração de Lucas, mas limita-se a gestos de acolhimento. Por fim, ela sabe que foi libertada de qualquer condenação e que seus pecados foram perdoados. A mulher retribui esse sentimento libertador que experimentou com seu silêncio, agindo com gratidão, lavando e beijando os pés de Jesus.

O desfecho do relato se dá quando Jesus ignora o fariseu e dirige-se exclusivamente à mulher: “Tua fé te salvou; vai em paz” (Lc 7,50). Com certeza Jesus percebeu a inquietude dela, sabia de sua busca pela paz em seu coração. A mulher é liberada e pode sair justificada, enquanto o fariseu permanece em seu seguimento escrupuloso da lei, onde não cabe a misericórdia e o amor.

Atualização do texto para a realidade de hoje

Ao compadecer-se e valorizar a atitude da mulher, Jesus estabelece a distância imensa que existe entre a prática fidedigna da Lei, exigida pelos fariseus, e o exercício da misericórdia e do amor diante das pessoas marginalizadas. Jesus abre uma nova perspectiva de acolhimento para que a mulher também possa participar da experiência da novidade do reino. A lição é que Deus não se comove nem com o cumprimento mais rigoroso da lei, nem com as privações, nem com a “separação” em que viviam os piedosos fariseus, nem com o fato de se sentirem bons; só o amor e o reconhecimento interior da sua condição de pecador podem atrair a misericórdia e o perdão de Deus.

Nessa passagem, Jesus mostra que ele é o Salvador que nos liberta e perdoa nossos pecados e valoriza o exemplo da mulher pecadora que se humilhou e acreditou na misericórdia, mesmo sabendo que todo valor social e moral da época estava contra ela. A “mulher do perfume” deixa de ser uma pessoa marcada por uma condição social, encontrando em Jesus vida e esperança; o desejo de segui-lo brota em seu coração, E que assim nós possamos também seguir o exemplo e o ensinamento de Jesus, não julgando nem rotulando nossos irmãos.

A Igreja não é composta por justos imaculados, mas sim por pecadores que precisam do perdão de Deus e dos irmãos. Portanto, não devemos pré-julgar, já que não sabemos qual foi o motivo que levou a pessoa a viver ou cometer este ou aquele pecado, como a mulher do texto. Não sabemos em qual circunstância ela foi levada para aquela vida sem dignidade. Jesus não a condenou, mas a acolheu por aquilo que ela era e não por aquilo que ela fez e estava sendo pré-julgada pela sociedade da sua época. Essa atitude de Jesus não é um caso isolado, é parte da sua prática exercida em favor de tantas pessoas excluídas de diversas formas: pobres, doentes, leprosos, publicanos, pecadores, mulheres, estrangeiros, etc.

O gesto de Jesus questiona todos os seus seguidores e seguidoras de todos os tempos. Os grupos de pessoas marginalizadas e excluídas estão presentes em nossa sociedade. É comum ouvir-se, até mesmo de pessoas que se dizem cristãs, julgamentos maldosos contra essas pessoas. Mais do que serem condenadas elas merecem a restituição daquilo que lhes foi negado pela sociedade responsável pela sua exclusão. Enquanto os julgamentos agravam sua condição, gestos de amor e misericórdia são capazes de restabelecer a sua dignidade perdida e serem incluídas na sociedade.

Para Jesus, a pessoa é mais importante do que os seus próprios erros. Aquela mulher não era somente uma pecadora, mas um ser humano, uma filha de Deus. A mulher, tão desvalorizada no tempo de Jesus, era considerada em tudo inferior ao homem. Mas e hoje, na nossa realidade, qual o papel da mulher na sociedade e na Igreja? Quais os tipos de discriminações que ainda persistem? A situação atual da mulher ainda é muito complexa, já que existem alguns grupos sociais e religiosos que ainda colocam a mulher em condição de inferioridade, onde ela é oprimida e marginalizada. Um exemplo é a exploração sexual da imagem feminina, transformada em mulher-objeto, própria de uma sociedade de consumo em que a mulher é coisificada.

O Documento de Puebla (nº 834), ao fazer referência à situação da mulher na América Latina, afirma:

À já sabida marginalização da mulher, como consequência de ativismo culturais (prepotência do homem, salários desiguais, educação deficiente, etc.), que se manifesta em sua ausência quase total da vida política econômica cultural, acrescentam-se novas formas de marginalização numa

sociedade consumista e hedonista. Assim é que se chega ao extremo de transformá-la em objeto de consumo, disfarçando a sua exploração sob o pretexto de evolução dos tempos (por meio da publicidade, do erotismo, da pornografia etc.).

Essa particularidade não é somente da mulher da América Latina, mas de muitas outras sociedades do mundo. Conceito depreciativo que precisa ser trabalhado e transformado. Reconhecer o valor e a dignidade da mulher perante a sociedade e ao homem, tomando como exemplo a Palavra de Deus: “Deus criou o homem a sua imagem, à imagem de Deus ele o criou, homem e mulher ele os criou” (Gn 1,27).

Considerações finais

O gesto ousado da mulher e a acolhida recebida da parte de Jesus ajudam a conhecer melhor a passagem bíblica narrada por Lucas e compreender a atitude de Jesus diante da mulher pecadora e do fariseu, fiel cumpridor da lei. Jesus, como Mestre, ensina que a vida humana está acima das prescrições legais e que amor e misericórdia ajudam a integrar e devolver a dignidade às pessoas marginalizadas. Não é a condenação sumária e pelas aparências sociais que deve ser praticada, mas sim a valorização da acolhida e dos gestos de amor, como a mulher pecadora demonstrou.

A análise sociológica da situação da mulher na época de Jesus nos ajuda a entender como viviam as mulheres e, sobretudo, aquelas que eram marginalizadas e vítimas do sistema machista da época. E, ao mesmo tempo, nos motivam a olhar a situação das mulheres hoje, como são excluídas em tantas instâncias da vida social, política, religiosa e econômica.

A atitude de Jesus ressalta que ele veio em busca das pessoas consideradas imperfeitas, excluídas e marginalizadas mais do que para os ferrenhos cumpridores da Lei. E isso nos motiva a seguirmos sua prática e também acolhermos com misericórdia e compaixão as pessoas que hoje são discriminadas e excluídas pela sociedade. O amor e o perdão são atitudes necessárias para que essas pessoas possam se sentir acolhidas e consigam superar sua situação, sendo integradas seja na Igreja como na sociedade.

Referências

BOVON, F. *El Evangelio según San Lucas I (Lc 1,1–9,50)*. Salamanca: Sígueme, 2005, vol. 1.

CONSELHO EPISCOPAL LATINO AMERICANO. *Conclusões da Conferência de Puebla: Evangelização no presente e no futuro da América Latina*. Ed.13. São Paulo: Paulinas, 2006. Coleção Sal da Terra.

FABRIS, R; MAGGIONI, B. *Os Evangelhos II*. São Paulo: Loyola, 1992.

FITZMYER, J. A. *El Evangelio según Lucas I. Introduccion general*. Madrid: Cristiandad, 1986, vol. 1.

FITZMYER, J. A. *El Evangelio según Lucas II. Traducción y comentario. Capítulos 1–8,21*. Madrid: Cristiandad, 1987, vol. 2.

GEORGE, A. Leitura do Evangelho segundo Lucas. São Paulo: Edições Paulinas, 1982.

JEREMIAS, J. Jerusalém no tempo de Jesus: pesquisas de história econômica-social no período neotestamentário. São Paulo: Paulus/Academia Cristã, 2010.

MARGUERAT, D. (org). O Novo Testamento: história, escritura e teologia. São Paulo: Loyola, 2009.

MAZZAROLO, I. Lucas. A Antropologia da Salvação. Rio de Janeiro: Mazzarolo Editor, 2004.

MONASTERIO, R. A.; CARMONA, A. R. Evangelhos Sinóticos e Atos dos Apóstolos. São Paulo: Ave Maria, 1994.

PERONDI, I.; FERREIRA, E.; MARÇAL, M. E. S. R. Santo Livro: Perguntas sobre a Bíblia. Londrina: Midiograf, 2012.

STUHLMUELLER, C. Evangelho de Lucas. São Paulo: Edições Paulinas, 1975.

Recebido em 24/11/2019

Aceito em 24/11/2019

Received 11/24/2019

Approved 11/24/2019